

lição de economia

Renato Suttana



Renato Suttana

lição de economia



Ficha técnica

Título: *Lição de economia*

Autor: Renato Suttana

Todos os direitos reservados ao autor

1ª edição: setembro de 2018

Editora: ARS

Local: Dourados-MS

ISBN: 978-85-905543-4-9

E-mail para contato: arquivosuttana@yahoo.com.br

Projeto da capa: Renato Suttana

Ilustrações (capa e interior): Manuel Almeida e Sousa

SUMÁRIO

OS PORCOS.....	5
I.....	7
II.....	8
III.....	9
IV.....	10
V.....	11
VI.....	12
VII.....	13
VIII.....	14
IX.....	15
X.....	16
XI.....	17
XII.....	18
XIII.....	19
XIV.....	20
LIÇÃO DE ECONOMIA.....	21
DECORATIVO.....	23
LIÇÃO DE ECONOMIA.....	27
DEVOÇÃO.....	28
LIRA E RONDÓ.....	30
IMPROVISO A CENTO E QUARENTA.....	38
O BALAIÓ.....	40
ILIBAÇÃO.....	41
PRINCESA.....	42
A GRALHA.....	45
PROFISSÃO.....	46
DEMORA.....	48
DONA ROSA E SEUS DOIS PARTIDOS.....	50
ASSIM É.....	53

ANUROS.....	55
I.....	57
II.....	58
III.....	59
IV.....	60
V.....	61
VI.....	62
VII.....	63
VIII.....	64
IX.....	65
X.....	66
XI.....	67
XII.....	68
XIII.....	69
XIV.....	70



OS PORCOS

*em protesto contra a prisão ilegal
do ex-presidente Lula*

I

E como eu palmilhasse, atarantado,
um caminho do mundo consequente,
tendo por selva escura me extraviado,
larga clareira abriu-se à minha frente.

Ali tive a visão que, devotado
às tarefas da vida e do presente,
vos conto agora, de ânimo ilibado,
com intenção didática somente:

eis que, naquele sítio assim remoto
que não daria assunto para foto,
doze porcos, havendo deglutido

o corpo de uma dama, conversavam
e, empenhados num coro divertido,
no suíno *chat* assim se pronunciavam.



II

“A lei é para todos”

(Título de um filme)

“A lei é para todos, para todos! —
berrarei até o fim da minha vida” —
disse um com sua pança algo entupida,
que disfarçavam uns bonitos modos. —

“Para cada um: para o meu pai e tia,
e até para mim mesmo, e para o papa
que engole, mui discreto, a sua rapa,
sem furor excessivo ou valentia” —

disse. E tocou um samba no pandeiro,
que pelos outros foi repercutido
naquele mais que inóspito terreiro. —

“Para o meu filho. E até para o neném,
que — qual proctologista decidido —
o indicador da lei fura também!”



III

*“Dono do Bahamas distribui 9.000 cervejas para festejar
prisão de Lula”*

(Notícia do site TV UOL)

Outro, que administrava um lupanar
e era frente aos presentes mais discreto,
fazendo um gesto de quem vai falar,
formado o traque no canal do reto,

grunhiu assim: “Falar e eruditar
não é o meu passatempo predileto,
de modo que prefiro um bom decreto,
quem sabe até de origem militar.

Mas dou o desconto (por alívio do ócio),
que essa dama até que era bonitinha
e faria sucesso em meu negócio!

Tenho dito. E passemos aos foguetes.
Passemos logo à chuva de confetes,
que o tema rendeu mais do que convinha.”



IV

“Marcado por incontestável coerência juridical, o voto da ministra Rosa Weber aproxima o ex-presidente Lula da prisão e tende a salvar a imagem do Supremo Tribunal Federal, evitando mais desmoralização do Poder Judiciário e riscos para a Democracia no Brasil.”

(Moacir Pereira)

*“Habeas corpus! A dama até pedia,
conforme a lei promove e mesmo exige.
Mas eis o fato: o corpo já não vige,
de modo que findou sua agonia.*

*Urgência não há mais, nem serventia,
podendo o assunto ir navegar o Estige.
E, quanto a mim, se a norma não me aflige,
de isento votarei com a maioria” —*

*disse um, meio hesitante. — “E agora passo
ao assunto seguinte, que a hora avança,
o mundo gira, e é grande o meu cansaço.*

*Sem pautas o plenário? — Mal se crê.
Lavre-se a ata, portanto, para a usança
futura de quem junte lé com cré.”*



V

“O maior patrimônio do jornalista é a isenção.”
(Trecho de carta apócrifa, atribuída a Ali Kamel)

“Já o prato que vos tenho a oferecer
chama-se *jornalística isenção*,
que só se serve ao gosto do patrão,
cabendo-lhe o direito de escolher.

Embora uma pimenta o faça arder,
come-se muito, com certa aflição,
como se fosse a celestial ração,
que do alto um deus bondoso faz chover” —

disse o quarto, com vista lacrimosa
e turbada (talvez de alguma poeira
que nela entrou, na noite duvidosa). —

“Da nossa empresa é o mais antigo lema,
sua regra dourada, seu emblema,
que de lambuja dou a quem o queira!”



VI

“Em Davos, Temer defende reformas em andamento no país”
(Notícia da EBC)

*“A senha, meus amigos, é reforma,
pois sem reforma já não há progresso:
reformular a estrutura desde o avesso,
ao mundo inteiro dando uma outra norma.*

*De outro caminho a vista não me informa,
que, se existe, não sei, não reconheço:
vejo um só, para o novo recomeço,
que deixará o país em plena forma.*

*Reforma e mais reforma: eis o segredo,
para erguer a república decaída,
caduca e emperucada, aqui concedo” —*

*disse um magro, com ar de quem queria
uma porção mais gorda e mais fornida
da dama, que já quase não se via.*



VII

“Conforme De Cesaro, um dos principais projetos do evento será a entrega da primeira parte de uma nova Constituição da República.”

(Trecho de notícia do site *Jornal Já*)

Roncando mais que um rústico motor,
soltando gás por todos os buracos,
nova Constituição vinha propor
um sexto: “É que a outra se desfez em cacos!”

Com uma algazarrada de valor
(lembrando os guinchos de uns três mil macacos),
retumbava: “Ao povão faço um favor,
que há de pagar-me com uns gordos nacos.

Altruísta e generoso, não me omito,
em hora tão solene e tão urgente,
de estender minha mão ao povo aflito,

lhe oferecendo, à guisa de presente,
este morno, este gordo, almo presunto,
onde o meu coração se embrulhou junto.”



VIII

“‘As instituições estão funcionando normalmente’, diz Temer em vídeo”

(Notícia de *Veja*)

“De minha parte,” — um disse, mastigando
um naco de ar em plena escuridade —
“firmo-me apenas na estabilidade
das instituições todas funcionando

(como o intestino de uma divindade!),
que o resto vai com o tempo se ajeitando,
em concerto que julgo formidando,
a essa espécie magnífica de grade.

As instituições! — termo tão bonito
que, não fosse esta fome em que me agito,
valeria uma bela digressão.”

E com um grosso traque se sentou
no chão frio, depois que pronunciou
seu discurso repleto de razão.



IX

“O avanço da pobreza é considerado um dos grandes retrocessos da recessão econômica, após anos de avanços na área. Segundo Cosmo Donato, economista da LCA, a expectativa era que a retomada econômica fosse capaz de produzir números melhores no ano passado.”

(Trecho de notícia do *Valor Econômico*)

*“Retomada! A palavra é retomada –
melodia suavíssima, emoliente,
que faz abrir-se um sol dentro da gente
como depois de chuva prolongada!*

*É o segredo!” – disse um, de alma enlevada,
com um fogo em seu ânimo potente
e na cauda um bulício diferente,
que lembrava uma cobra enquizilada. –*

*“Que não é o caso, claro, desta pobre,
cujo exício no entanto é condição
para que a economia se recobre!”*

*E abriu os grandes braços de leitão
como para abraçar um elefante
que não estava lá naquele instante.*



X

“Empresários de micro e pequenas empresas apostam na recuperação econômica”

(Notícia do *Último Segundo*)

“Lembraste bem,” — disse outro, entusiasmado, tocado pela mesma vibração —

“mas eu prefiro *recuperação*, que é a palavra por que ando enfeitiçado.

Recuperar” — bradou, empanzinado —

“com fúria de usurário ou de patrão, como, depois de obscura transação, que deu zebra, um montante desperdiçado!

Nada me encanta mais que esse feitiço, que essa gana que vem lá do intestino e põe em nossa mente um novo viço!

Recuperar! Que os micros e os pequenos apostem em tal carta o seu destino, e os dias sejam lúcidos e amenos!”



XI

“Aumento de impostos amplia rejeição a Temer”
(Notícia do *Estadão*)

“Não queremos pagar nenhum imposto,” —
fez o décimo, impando de afoiteza —
“embora seja bem do nosso gosto
ir financiar no erário a nossa empresa.

Que ao Estado se imponha, com dureza,
um bonito cabresto — eis no que aposto —,
deixando, claro, por delicadeza,
a teta livre, para o nosso encosto!

Vale privatizar o mundo inteiro —
ares, águas e terras, mais o fogo
(contanto que cheguemos lá primeiro).

Tais são os meus conselhos, que aqui jogo,
como magra ração, sem tino ou siso,
para estufar o bucho dos sem juízo.”



XII

“Prender miúdos e proteger graúdos é a tradição brasileira que nós estamos fazendo força para superar.”

(Luís Roberto Barroso)

“Ai, ai! Ui, ui! Ai, ai!” — fez um, gemendo —,
“que a minha erudição não gasto aqui,
em tão espesso e obscuro sambaqui,
só as decisões mais belas me cabendo.

Concordo com quem disse, alto e colendo,
que a lei deve tocar cada um ali,
naquele ponto que bem lembra um *i*
e onde não entro à força, prorrompendo.

Prefiro a vaselina, o íntimo gel
da árdua jurisprudência, que no início
parece azeda, mas depois é um mel.

Este é” — falou, roendo o fêmur dela —
“nosso lema: cozer, por velho ofício,
graúdos e miúdos numa só panela!”



XIII

“Que bela a festa da democracia,
que civismo, que espírito ufanista,
de ampla, civilizada, alta conquista!” —
exclamou o último com alegria. —

“Que o eleitor não se omita, não desista,
em quadra assim tão cheia de magia,
de mostrar na urna que a cidadania
é um farol a alumiar a nossa vista!

Belo, que até me engasgo! E sai barato
se pensarmos que em época passada
era o chicote que ensinava o acato!

Agora é a propaganda, bem regada
com o leite do erário, cujas tetas
cevam tevês e rádios e gazetas!”



XIV

Ditos esses discursos espantosos,
puseram-se a dançar alegremente
ao som de alguma música premente,
que entoavam entre arrotos cavernosos.

Eu, que os nervos não tenho vigorosos
e estremecia à sombra como um doente,
fui saindo de fininho, francesmente,
para a floresta, a passos cautelosos.

(Doido medo me deu de que eles viessem
comer-me a carne, o rabo e até o cabelo,
caso, na escuridão, me descobrissem!)

Depois, com uns tremores incivis,
corri, voei, como num pesadelo,
e nunca mais voltei àquele país!

9/12-4-2018





LIÇÃO DE ECONOMIA

DECORATIVO

I

Em época tão sombria
que torna iguais mal e bem
para quem, de boa fé,
tenta decifrar no escuro
as mensagens do futuro
(mais urgente a cada dia)
que mal enxerga e mal lê
e acha razões mais que fartas
para os receios que tem —
temer bilhetes e cartas
convém.

Para quem anda na bruma,
sem saber se vai ou vem,
se fica ou se segue viagem;
e atravessa incerta via
onde o ânimo se desvia
e a mente se desarruma
por força de erro e miragem
(e vê motivos de sobra
para as cautelas que tem) —
temer mordidas de cobra
convém.

Numa época assim escura,
que não dá folga a ninguém,



e alimenta diariamente
nossa mente de visagens
que são mais que pabulagens
e fraca literatura,
a quem quer manter-se assente
entre lâminas pontudas
que ao redor giram também,
temer visitas de Judas
convém.

II

Já foi bem mais decorativo,
até o ponto de usar correio
para mandar à presidenta
o seu protesto putativo
(serpente sem cabeça e meio),
dizendo exatamente aquilo
que o tal protesto contestava:
que era mais que *decorativo*
(e a atitude, apenas, bastava,
entre tantas, a desmenti-lo).

Nem precisou aplicar nisso
toda a força do seu anseio:
que o protesto, levado ao vento,
como um termo de compromisso,
deixou à mostra o seu recheio.
Porém quis mais: gravou mensagem,
como para acrescer o efeito,



que o noticiário, submisso,
vazou num átimo, perfeito.
(Vá saber por que malandragem!)

Por certo ao fim desse arranheiro
só não explicou a que veio,
até porque, já de esquisito,
acabou ficando mais feio
(se é que o efeito era verdadeiro).
E agora mostra a quem aceite
a tarefa de compreendê-lo
que de isento só tinha o cheiro —
pois era bem mais um *martelo*
ou um *revólver* esse enfeite.

III

Mandou cartinha à presidenta
em que se queixa, lamurioso,
dizendo que já não aguenta
esse papel vexaminoso
de andar assim pelo Planalto,
numa vacância sem sentido,
como um desenho ou um motivo
que a gente aplica num tecido
sem um critério definido:
ou um bibelô posto no alto,
decorativo.



A presidenta, mulher séria,
provavelmente compreendeu,
mas frente à inusitada léria
não disse o pensamento seu.
E convenhamos: esse assunto
com que o povo quer se entreter
de assombração, de morto-vivo,
para quem tem mais que fazer,
um sentido só pode ter
(na composição do conjunto)
decorativo.

A vida passa, felizmente,
sem dar preferência a ninguém.
Desenvolve-se e, conseqüente,
ao fim do teatro a razão vem:
quem governa é quem foi eleito.
E assim, no verão do Distrito,
vai desbotando esse adesivo:
já cinzento e bem esquisito,
com seu matiz confuso e aflito.
E vai perdendo o seu efeito
decorativo.



LIÇÃO DE ECONOMIA

É preciso deixar crescer o bolo
e depois dividi-lo. E, enquanto cresce,
vamos comendo a grama que enverdece
e outras coisinhas tenras que há no solo.

É preciso esperar pelo fermento
e que a massa se encorpe e ganhe viço,
e enfim dê bolo; mas, enquanto isso,
vamos comendo poeira, palha e vento.

É preciso esperar que o forno aqueça
e que todo o fenômeno aconteça,
e a massa encorpe, calorosa e lisa.

E, enquanto isso, nos vamos aguentando,
a comer o maná que Deus vai dando,
com saladas de grama, palha e brisa.



DEVOÇÃO

“E nossa mídia ‘moralista’ vai construindo sua galeria de santos do pau-oco: os São Ladrão.”

(Fernando Brito)

Uma vela para o bom Deus
e outra mais, sem hesitação
(que em tais assuntos remediar
é tão melhor que prevenir),
dedicada, em seletor altar,
a São Ladrão.

Uma reza a São Bonifácio,
outra a São Judas e São João;
e a outra, com o dobrado ardor
de quem tem muito a agradecer
e não teme seja o que for,
a São Ladrão.

Uma parte vai para os outros,
como penhor de gratidão;
porém a vela mais comprida,
mais brilhante e mais bem lavrada,
com a prece mais comovida,
a São Ladrão.

Uma acesa a São Bom Jesus
e seus anjos de alto escalão;
e a outra, rica e mais generosa,



com o sincero agradecimento,
a queimar cera preciosa,
a São Ladrão.

Uma prece à santinha Edwiges,
outra a Teresa e ao batista João;
mas a mais especial e cara,
a mais devota e compungida,
em que a alma franca se declara,
a São Ladrão.

Uma esmolinha a São Vicente
e outra, mais gorda (por que não,
se é santinho de preferência,
se é padroeiro de tradição,
a quem se deve reverência?),
a São Ladrão.

Aos outros, o respeito e o apreço.
Mas o grosso da devoção,
mas a prece mais fervorosa,
essa tem endereço certo: —
vai, decidida, em verso ou prosa,
a São Ladrão.



LIRA E RONDÓ

I / LIRA

Dom Judas foi à escola
e a imprensa convocou
para fotografar
a cena que montou.

Ai, Dom Judas,
quem te aguenta!

Levou consigo a esposa
para mais enfeitar
o *show* que ele sozinho
deu conta de encenar.

Ai, Dom Judas,
quem te aguenta!

Com popularidade
quase chegando ao chão,
Dom Judas precisava
de um maroto empurrão.

Ai, Dom Judas,
quem te aguenta!

Sobre jurisprudência
vago livro escrevera
que uma incerta aurazinha
de sábio lhe rendera.

Ai, Dom Judas,
quem te aguenta!



Outra espécie de autor
fora também, num dia,
que dera em coletânea
de não sei que poesia.

Ai, Dom Judas,
quem te aguenta!

Que embarcara em canoa
ou sem rumo ou furada
nesse livro dizia
com a veia inflamada.

Ai, Dom Judas,
quem te aguenta!

Agora, pelo visto
(consta destes anais),
aposentou a lira
e poeta não é mais.

Ai, Dom Judas,
quem te aguenta!

Sua pena ainda (escuto)
rebola a três por quatro:
mas a poesia, aquela,
trocou-a pelo teatro.

Ai, Dom Judas,
quem te aguenta!



II / RONDÓ

(à maneira de Silva Alvarenga)

*Vê, madame, que Dom Judas,
quando o estudas mais de perto,
é deserto e sem valor:
como flor que não se abriu.*

Se o quiseses por adorno,
olha e observa atentamente:
que ninguém, até o presente,
seu contorno descobriu.

Seu matiz de feiticeiro
só de raro transparece:
que no mais é bem refece,
bem fuleiro — já se viu.

*Vê, madame, que Dom Judas,
quando o estudas mais de perto,
é deserto e sem valor:
como flor que não se abriu.*

Se o lebares numa saca
e o puseres sobre a mesa,
hás de ver, sem mais surpresa,
que essa inhaca não serviu.



(Pois Dom Judas não enfeita
nem a própria casa — penso —,
quanto mais o espaço imenso
da árdua empreita que assumiu.)

*Vê, madame, que Dom Judas,
quando o estudas mais de perto,
é deserto e sem valor:
como flor que não se abriu.*

Com jeitinho assim paterno,
deu um golpe descarado
e hoje manda, desbridado,
no governo, que engrupiu.

(Se com isso ele supunha
se tornar interessante,
tome tento a cada instante,
pois o Cunha já caiu.)

*Vê, madame, que Dom Judas,
quando o estudas mais de perto,
é deserto e sem valor:
como flor que não se abriu.*

Hoje o ritmo se desbraga
desse samba só bagaço:
que Dom Judas, lá no paço,
é praga que se cumpriu.



(Passou de decorativo
a trambolho — disse o Ciro,
cuja opinião prefiro,
pelo crivo que exibiu.)

*Vê, madame, que Dom Judas,
quando o estudas mais de perto,
é deserto e sem valor:
como flor que não se abriu.*

Quem o acompanhou, pascácio
(e aqui, sim, decorativo),
em tomar, por mau motivo,
o palácio, que invadiu,

que examine bem o fato,
e um dia talvez compreenda
e que não foi lebre entenda,
mas gato só que engoliu.

*Vê, madame, que Dom Judas,
quando o estudas mais de perto,
é deserto e sem valor:
como flor que não se abriu.*

Na Olimpíada de agosto —
encolhido em seu cantinho —,
falou pouco e rapidinho,
com o desgosto que o inibiu.



Tão sem sal e sem recheio,
de bonito teve nada
essa fala envergonhada,
pois foi feio o que se viu.

*Vê, madame, que Dom Judas,
quando o estudas mais de perto,
é deserto e sem valor:
como flor que não se abriu.*

Disse apenas: “Que esse jogo
tenha início!” — e foi sentando;
e até o Galvão, se espantando,
num afogo se entupiu.

Bem conforme a sua laia,
bastou que ele aparecesse
para que o trovão crescesse
de uma vaia — que estrugiu.

*Vê, madame, que Dom Judas,
quando o estudas mais de perto,
é deserto e sem valor:
como flor que não se abriu.*



III / A FEIRA

Dom Judas foi à Feira
de Frankfurt, velha e fria,
e com seu ar mais sério
(coisa que bem valia
criar um Ministério
da Seriedade — penso)
declarou frente ao povo
que lá esteve, suspenso
pela orelha indiscreta,
com grande novidade
a sua qualidade
de inefável poeta.
Depois foi à tevê
e disse aos jornalistas
(que, sem causa e porquê,
o aplaudiram, farristas)
que anda agora escrevendo
romance desta vez
(que, a julgar pelo jaez
daquela *Intimidade*,
'promete', muito embora
já esteja em andamento
outro romance agora,
que, entre a farsa e a paródia,
é só bufa rapsódia,
que a realidade escreve).
Ao contrário do elance
de entusiasmo que teve
a Eliane Cantanhêde,



não sei se de romance
Dom Judas bem entende.
(Talvez seja somente
prurido ou faniquito
de velho que não sabe
onde mete — ou pretende
meter futuramente —
o idoso periquito.)
Numa coisa, entretanto,
ele é mestre, bem sei,
senão que especialista:
é em provocar espanto,
fazendo o mundo arder
e ludibriando a lei,
conforme bem quiser;
além, claro, dessa arte
(que merece um Molière)
de criar, para o alumbrado
jornalista da *Folha*,
de *Veja*, *Globo* e *Estado* —
como um roto estandarte —,
um teatro, frágil bolha,
em que ele é o centro, a estrela,
o rei sol da lapela.



IMPROVISO A CENTO E QUARENTA

Ao defender reformas, Temer diz que brasileiros viverão até 140 anos

(Notícia do R7)

Ele acha que pode, que deve,
e vem dizer que cabe e quadra —
não importa qual seja a quadra,
não importa se pode ou deve.
Diz somente o que a boca aventa:
e acelera a cento e quarenta!

Ele pensa que a vida é longa
e que não há nada que a encurte.
E não há tesoura que o encurte
quando na miragem se alonga.
Ele supõe que a mente aguenta:
e passa dos cento e quarenta!

Ele disse que a Previdência
vai explodir a qualquer hora,
e que por isso já está na hora
de implodi-la, por previdência:
disse-o com a pachorra isenta
de quem vai a cento e quarenta!

É por não ter papas na língua,
(e a tem de fato destapada)
que diz, com calma destapada,
essas coisas que vêm à língua.



Mas um dia o saco arrebenta:
se desmancha em cento e quarenta!



O BALAIO

“Isso depois de o mesmo general ter pressionado ostensivamente o supreminho às vésperas de um dos enésimos julgamentos sobre o ex-presidente Lula.”

(Joaquim Xavier, colunista do *Conversa Afiada*)

Havia num balaio, emaranhados,
onze gatos magrinhos — alguns pardos,
outros pardos também, e os outros pardos;
mas todos gatos magros e pingados.

Nesse balaio havia, emaranhados,
em torno de si mesmos, qual novelos,
onze bichanos a formar novelos,
talvez por uma tia ali deixados.

Num balaio de vime, junto à porta,
tal como um presentinho de Natal
que perdurava, sob a tarde morta.

Onze gatos magrinhos, desnutridos,
por algum desalmado preteridos,
naquele ninho em frente ao meu portal.



ILIBAÇÃO

*“Caso Atibaia: Policiais e procuradores da Lava Jato sequestraram mulher e criança de 8 anos para depoimento ilegal”
(Notícia do site PT na Câmara)*

O ilibado, o ilibido, o ilibabado —
é quem pretendo ser neste araneiro,
que há de um dia envolver todo o terreiro
numa espécie de insólito bailado!

O ilibranco, o ilibrinco, o iliblandado —
é o que pretendo ser quando o telheiro
desabar sobre um povo tão festeiro,
com um estrondo grosso, inesperado.

Quero ser o impoluto, o inexpugnável,
o intocado sequer de poluição
noturna, em meu intuito memorável.

O impávido, o intangido, o indefectível,
o ímpar, o impenetrado, o incorruptível,
o ínclito, o idôneo, o hindu da ilibação!



PRINCESA

“Dólar sobe e fecha a R\$ 3,70, maior valor em mais de 2 anos...”

(Notícia do G1)

Sonhava em ir
à Disneylândia.
Assim novinha
já tinha queda —
ai! — pela estranha,
tadinha!

Dólar a dois
comprava o pai.
Agora a quatro,
dói quando vem
e mais, se vai —
ai, ai!

Tinha uma queda
pelo Pateta:
queria vê-lo
ao vivo e em cor
à luz correta.
Que dor!

Agora a quatro
convém pensar:
ou vai ao shopping



ou ao cinema
ou ao jantar.
Que pena!

(Mas as três coisas
de um golpe só
não cabem mais:
que aquele tempo
ficou lá atrás,
que dó!)

Se enche o tanque,
não enche a pança;
se compra a roupa,
não há recurso
para ir ao curso
de dança!

Ou toca a flauta,
ou chupa a cana.
Se vai à feira,
ou compra alface
ou só banana.
Que impasse!

Com o real fraquinho
e o dólar forte
melhor ficar
em casa a roer
algum franguinho!
(Que sorte!)



Sonhava em ir
à Disneylândia
ou, de princesa,
dar uma volta
lá pela estranha.
Tristeza!

A GRALHA

Vestiu *smoking* e foi a Nova Iorque,
com sua voz de gralha e o mau inglês,
cobrar a glória que ninguém extorque,
ao lado do prefeito — outro freguês.

Tirou foto, posando de galã
para a posteridade embasbacada,
que talvez não resista a essa terçã
(mas por enquanto aguenta outra rodada).

Quando lhe perguntaram se era certo
ir frequentar a estufa onde florescem
plantas que não se dão a céu aberto,

disse só que tais coisas acontecem
e até quadram, se a sorte oferece o azo.
(E outras implicações não vêm ao caso.)



PROFISSÃO

“Na entrevista ao Bom Dia Brasil, Miriam Leitão, Ana Paulo Araújo e Chico Pinheiro fizeram aproximadamente OITENTA E DUAS interrupções à fala de Dilma durante os 30 minutos e meio de entrevista.”

(Trecho de notícia do Muda Mais)

Interrompo, intercalo sem parar.
Não me contenho frente à imperiosa
Tentação de breçar poesia e prosa
Em nome, só, da gana de breçar.

Reduzo a marcha de qualquer motor.
Retraso, atardo a quem já mal estuga
Uma velocidade tartaruga,
Provando qual é o meu final valor.

Tomo a rédea do empaque. Vou puxando
O freio de quem sai em disparada.
Resfrio a brasa e a pressa desbragada
De quem quer avançar, se acelerando.

Entupo, obstruo, atulho: ponho embargo
E embargo eu mesmo, impondo ordem ao dia.
Não dou corda a ansiedade ou fantasia,
Travado e troncho sob o enorme encargo.

Retranco, em sendo o caso, a cada passo.
E empino, empaco, empurro, dou rasteira:



Vou no calcâneo, vou na caneleira,
Inflado o papo, e ocupo todo o espaço.

Sou assim: não me rendo a uma evidência.
Travo o trote, a catraca ou a engrenagem,
Atrasando a partida e a decolagem,
Sem compromisso com qualquer urgência.



DEMORA

inspirado numa foto vista na internet

Enquanto não chega
a tropa inimiga;
enquanto não vem
o disco voador
semear incêndios
sobre a nossa roça;
enquanto não soa
na tarde o rugido
do amargo motor,
aqui jazeremos,
aqui ficaremos
apalpando moça.

Enquanto se atrasa
a ordem do senhor,
e não vem a chuva,
e se estanca o vento,
e um grande mormaço
no dia se empoça
(formando um cordão
de instantes opacos,
que a preguiça estraga),
aqui vagaremos
e nos distrairemos
apalpando moça.



Enquanto lá fora
jogam jogo vil
os donos da vida;
e se atrasa a chuva
contra a qual não há
valor que ainda possa;
aqui, como absortos
entre as engrenagens
de horas emperradas,
nos ocuparemos,
nos dissiparemos
apalpando moça.



DONA ROSA E SEUS DOIS PARTIDOS

ao Ederson Ambrósio

O primeiro chegou dizendo assim:
“Magnólia, ou tu me chamas de santinho
e me dás um lugar no teu jardim,
ou não me terás mais no teu caminho.”

Já o segundo, sisudo e exclusivista,
dizia: “Floridíssima entre as flores,
para, e não banques mais a oportunista,
pois não podes servir a dois senhores!”

O primeiro: “Ó caroável! Ó escoreita!
Fada de que o meu sonho não duvida,
para que caminhar por senda estreita,
se podes ter larguíssima avenida?”

E o segundo (o vestido) lhe dizia:
“Amarílis, ou mudas de atitude
e esqueces teu pendor à maioria,
ou não haverá Cristo que te ajude.”

O primeiro: “Ó magnólia, se tragares
a chuva inteira, em vez de só um pingo,
serás tão mais feliz, ou se lavrares
no sábado também, e no domingo!”



Já o segundo: “Ó magnífica, esse assunto
de seres a biruta do aeroporto,
sempre pronta a aumentar o teu conjunto,
te há de dar um futuro sem conforto.”

Disse o primeiro: “Ó dália, que sentido
existe em só viveres para andar
ou rolar por um trilho definido,
que te leva ao mesmíssimo lugar,

sem diálogo com o mundo, que te acena
e te propõe barganhas de montão
para que tenhas vida mais amena?
Aceita, pois, os termos do acordão!”

E o segundo: “Bem gostas de almoçar
com o magro, o musculoso e o barrigudo.
Mas cabe nesta quadra reparar
que ter pouco é melhor que perder tudo.”

Tudo ouvindo, ela — a suave, a fascinada,
que generosamente se inclinava
para todos os lados, só ocupada
com o que o sentimento seu mandava —,

no caso ponderando atentamente,
até porque os amava por igual,
pôs os olhos em cada pretendente,
e com um sentir magnânimo, imparcial,



assim falou: “Devendo eu escolher
entre duas opções de igual valência,
e dado o temor meu de cometer
injustiça em questão de tal urgência,

de obediente que sou à voz das ruas
e para não me arrepender depois
de ter sido a volúvel, a de luas,
voto com a maioria: escolho os dois!”



ASSIM É

Nada entende de geopolítica,
não conhece Moniz Sodrê;
mas veste a camisa do time
e vai bradar contra o regime,
porque assim sempre foi, e assim é.

Não leu a sentença do Moro,
nem sabe se ela para em pé.
Mas sai à rua, como um rei,
exigindo o rigor da lei,
porque assim sempre foi, e assim é.

Da economia mal enxerga
se sobe ou desce com a maré;
mas, com o bolso sempre vazio,
da bolsa sente o fogo e o fio,
porque assim sempre foi, e assim é.

Ignora o nome do político,
se anda para a frente ou de ré;
mas acorre, incendiado e infrene,
quando soa ao longe a sirene,
porque assim sempre foi, e assim é.

Ouviu, da Corte, que a preside
uma dama em que pouco crê;
e muito a aplaude, se ela faz
alguma graça nos jornais,
porque assim sempre foi, e assim é.



Da esquerda à direita, professa
a opinião que ouviu na tevê;
e entende que mais que eleição
vale um bom tiro de canhão,
porque assim sempre foi, e assim é.

Acha que a cadeia corrige
o mundo inteiro, de A a Z;
e no amigo aposta o seu voto,
como numa extração da loto,
porque assim sempre foi, e assim é.

Quando ouve cantar uma ave
anunciando o fim do que vê,
trepida. Mas, se a noite o guarde,
já esquece o que escutou à tarde,
porque assim sempre foi, e assim é.

Diz-se conservador em tudo
(só lhe faltando o pincenê).
Mas, se é a esquerda que chega lá,
quer que a deponham — para já! —,
porque assim sempre foi, e assim é.





ANUROS

“Se se admite a tese de que os órgãos representativos podem não refletir a vontade majoritária, decisão judicial que infirme um ato do Congresso pode não ser contramajoritária. O que ela será, invariavelmente, é contrarrepresentativa. De parte isso, cumpre fazer um contraponto à assertiva, feita parágrafos atrás, de que juízes eram menos suscetíveis a tentações populistas. Isso não significa que estejam imunes a essa disfunção. Notadamente em uma época de julgamentos televisados, cobertura da imprensa e reflexos na opinião pública, o impulso de agradar a plateia é um risco que não pode ser descartado. Mas penso que qualquer observador isento testemunhará que esta não é a regra. É pertinente advertir, ainda, para outro risco. Juízes são aprovados em concursos árduos e competitivos, que exigem longa preparação, constituindo quadros qualificados do serviço público. Tal fato pode trazer a pretensão de sobrepor certa racionalidade judicial às circunstâncias dos outros Poderes, cuja lógica de atuação, muitas vezes, é mais complexa e menos cartesiana. Por evidente, a arrogância judicial é tão ruim quanto qualquer outra, e há de ser evitada.”

(Luís Roberto Barroso)

“Pois é isso que a ‘Solange togada’ encarnada por Luís Roberto Barroso quer fazer.”

(Fernando Brito)

*“Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os delumbra.”*

(Manuel Bandeira)

I

Navegando — me lembro — certa vez
por rio que adentrava a noite escura,
um ruído ouvi cuja ampla robustez
deixou em mim um travo de amargura.

Sem ver bem o motivo por que fez
de alto a baixo tremer minha ossatura,
firmei o ouvido em busca dos porquês,
vendo na coisa toda uma aventura.

Era um coro de sapos — fui notando —
que, antipoético, as sombras invadia
(como aquele outro que Bandeira ouvia).

Mas o que mais notei no caso torto
foi este estilo absconso e formidando
da trupe, que observei e aqui reporto.



II

Bem mais, bem mais que um parnasiano aguado
era aquele tanoeiro, cujo coaxo,
crescendo em volta com sublime empacho
por cima do batráquio colegiado,

roncava: “Terminei desorientado,
e já não sei se pulo ou se me agacho,
se faço pose ou se sossego o facho
nesta quadra em que sou solicitado.

Por isso é que, despida a fantasia,
acato a decisão da maioria,
que me poupa de ter que ter razão.

É o meu voto ou, melhor, o vosso voto,
ao qual se soma agora o meu arroto —
que de bêbado tem só a feição.”



III

“Isto não é, meus caros, mero traque,
mas um coxo, um coaxinho ponderado,
com que intento dar conta do recado,
amortecendo coice, murro ou baque” —

disse um outro, o decano, de ar cansado,
que sabia de cor todo o almanaque.
E, tentando aliviar aquele empaque,
acrescentou: “Sou mestre no riscado,

mas só atuo nos casos rotineiros,
que não transbordam do meu caldeirão,
combinando melhor com os meus janeiros.

Já o resto — me extrapola e até me esfria,
a mim, que atravessei meu Rubicão
e só cogito a aposentadoria.”



IV

Um terceiro — o bestunto encanecido,
com um discurso longo, logorreico,
proteico, prometeico, patuleico,
diarreico, de quem não toma partido —

ergueu a voz em meio ao alarido
e enunciou: “De prosaico a centopeico,
de laico a balalaico e beleleico,
é o modo como tenho contribuído,

ajudando a empurrar esta carroça
que vai, trôpega, impando, pela estrada,
sem um propósito ou destino certo

que ao menos pague o frete da jornada.”
E tremeu como um asno que se coça,
a olhar absorto para o céu deserto.



V

Um que chegara ali recentemente
e tentava integrar-se ao grosso coro,
abraçando com ânimo de mouro
qualquer tarefa de que o imbuísse a gente,

gemia: “Ontem meu passo era de touro,
e hoje já penso diferentemente,
e do amanhã não sei: sou só calouro,
pois não enxergo um palmo à minha frente.

Porém prometo me esforçar em dobro,
conforme aguente a minha natureza,
razão por que mourejo, empurro e obro.

Talvez um dia eu ganhe aquele prêmio
que a Carminha venceu, de Globeleza,
e alcance finalmente entrar no grêmio.”



VI

“Sinceramente adoro frequentar,
pois não sou de lixar no parapeito
meu cotovelo ou de me contentar
só com dar lambidinhas no confeito.

Além disso inventei, por me hidratar,
o coaxar telegráfico e de efeito,
que afinal me valeu um bom lugar
e posto de honra no clubinho eleito” —

fez o quinto, um magrelo, que lembrava
uma coruja, embora batraquiana,
incluso no coaxar, que modulava. —

“Com efeito só quero o meu sossego,
tal como a tartaruga da gincana
que a cada dia pensa: ‘Amanhã chego!’”



VII

“Já me chamou o Lenio de Janjão,
algunha que o meu brio não aprova,
embora em mim não seja coisa nova
a teoria feraz do medalhão.

Como não sou sardinha nem anchova,
tenho, claro, um saber de malandrão,
capaz de dar em padre e sacristão
uma bela rasteira, a toda prova” —

disse o que parecia uma ave rara
dessas que vemos nos documentários
da National Geographic (rabo e cara). —

“Também vendo a varejo um preparado
de pensamentos sábios, sanitários,
que tem feito sucesso no mercado.”



VIII

“Ao lado do Renan naquele dia,
presidindo a sessão maravilhosa
que deixou a nação em polvorosa
(ou como o velho Cunha já dizia:

‘Deus tenha pena dessa incrível coisa!’),
por alguma razão que me fugia
cheguei a crer que eu já nem pertencia
à cabralina terra, tormentosa!

Mas não: eu era parte da charanga,
porquanto estou bem vivo e sacudido,
pronto a levar também a velha canga!” —

disse outro, de ar soturno e algo defunto,
com um longo suspiro, mui sentido,
que não destoava entanto do conjunto.



IX

“Eu era mais novinho quando entrei
para o clube, e inclusive inexperiente;
mas fui aos poucos me afeiçoando à gente,
e hoje vivo lá dentro como um rei.

Tinha bom coração, que endureci
na faina diária, como é de costume,
e então passei de passarinho implume
(mal comparando) ao que observais aqui” —

disse outro, num torneio de sapiência,
com uma voz de insólitos acentos,
como sói ocorrer na adolescência. —

“Aprendi com os mestres o bastante
para já não ser mero coadjuvante
nesta assembleia ou coro de portentos!”



X

“Ao contrário daquele, que prefere
usar peruca, como um velho tio,
talvez por medo à chuva, ao sol e ao frio,
ou por algum pudor que não me fere,” —

disse um, como se o diabo o incomodasse —
“deixo à mostra a careca, em que me provo
como um caroço ou inefável ovo
de cobra que algum pássaro incubasse.

Preocupação razoável, pois, se coaxo
uns lugares-comuns de vez em quando
e não ergo bandeira nem penacho,

vou bem, como se a vida fosse um treino,
cozinhando na sombra e reservando
para assunto mais grave o meu veneno.”



XI

Batráquio de peruca é bicho obscuro
que a natureza evita e não consente,
mas um desses lá havia, estranhamente,
como se a antecipar um dom futuro.

“De indigência mental não sofro — juro —
e sou, em certas áreas, competente;
porém o diabo às vezes me desmente
e me leva a um passeio no monturo.

Gosto das boas coisas desta vida” —
coaxava — “e até inventei, por fantasia,
de a todos dar o *auxílio-moradia*,

conforme uma política renhida
(o que me poupa metros de arrazoado
pois vale mais do que qualquer tratado)!”



XII

Outro, que respondia por “Solange”
(e era, apesar do nome, bicho macho),
com um ardor de quem não se constrange
desfiou ao vento este curioso coaxo:

“Não creio nessa tal democracia,
doença que prolifera nos recursos,
preferindo bem mais a hierarquia
e a prática saudável dos concursos.

É o que tenho pregado entre os pagãos
e um dia hei de lavrar num regimento
ou lei bem rigorosa, meus irmãos!”

E arrotou com tamanho estardalhaço
que o coro se calou por um momento,
como vencido de ânsia ou de cansaço.



XIII

Com uma alma de tucano, tropical,
em corpo de batráquio aprisionada,
o último era o valente da rodada,
que assim dizia ao tardo recital:

“Passei um ano e meio, paternal,
como uma ave chocando uma ninhada,
sentado sobre lei não sancionada,
e isto me trouxe incrível cabedal.

Portanto creio ser de todos vós
não o rei, mas o maestro ou o tenor,
como a esta altura já terei provado!”

E, intumescendo o papo, ergueu a voz
num coaxar tão potente e sustentado
que estremeceu as margens ao redor!



XIV

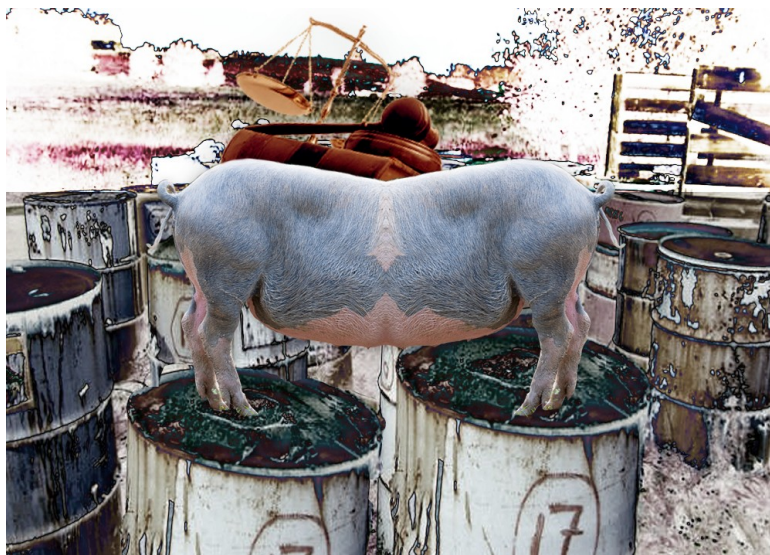
Ouvindo aquilo em meio à noite estranha,
sobre o convés do brigue, que adernava
e pouco a pouco à terra se colava,
uma gana subiu-me desde a entranha.

Pus-me então a gritar: “Guevara, Allende,
Fidel, Brizola, Chávez! A igualdade!”
E mais: “O socialismo, a liberdade!
E inclusive a justiça, que hoje ofende!”

E não deu outra: ouviu-se um atropelo
de corpos caindo na água de repente;
e se desfez em nada esse novelo,

com o silêncio voltando a comandar
a imensidão da sombra já dormente,
que nem um grilo ousou mais perturbar!





RENATO SUTTANA nasceu em 1966 na cidade de Barbacena (Brasil). Professor universitário, escritor e tradutor, publicou livros de poesia e ensaios, entre os quais *Bichos* (2005), *Bichos imaginários* (2013), *Rapinário* (2015) e *Quando me abriram portas* (2016), *Indigestos e purgativos* (2016) e *Música de pianola* (2018). Tem poemas incluídos em coletâneas e revistas literárias do Brasil e de Portugal. Mantém na internet o site “O Arquivo de Renato Suttana”.

ARS
Copyright © Renato Suttana, 2018
www.arquivors.com



E como eu palmilhasse, atarantado,
um caminho do mundo consequente,
tendo por selva escura me extraviado,
larga clareira abriu-se à minha frente.

Ali tive a visão que, devotado
às tarefas da vida e do presente,
vos conto agora, de ânimo ilibado,
com intenção didática somente:

eis que, naquele sítio assim remoto
que não daria assunto para foto,
doze porcos, havendo deglutido

o corpo de uma dama, conversavam
e, empenhados num coro divertido,
no suíno chat assim se pronunciavam.



ISBN 978-85-905543-4-9

